Apoio:

Patrocínio:

Realização:

Os
Dois Príncipes

Os Dois Príncipes

Há muitos, muitos anos, só existiam no mundo dois impérios: o do Oriente e o do Ocidente, e eram separados um do outro por uma muralha tão alta que ninguém seria capaz de transpô-la.
No Império do Ocidente reinava um Imperador muito poderoso, mais poderoso do que todos os atuais reis e imperadores juntos, pois tinha como súditos a metade dos habitantes da terra, ou seja, os brancos e os pretos, porque os amarelos, morenos e vermelhos viviam no Oriente.
Este soberano, então, quis escolher uma imperatriz para sua companheira, e mandou chamar à sua presença todas as moças do país, para dentre elas eleger a sua esposa; mas nenhuma foi considerada bonita e distinta para merecer a mão do Imperador.
Nisto, seu mordomo-mor, que conhecia muito bem todos os arredores, o informou de que numa das altas montanhas circunvizinhas vivia a soberana do Império dos Espíritos, num palácio feito de nuvens cor-de-rosa, e que tinha uma filha ruiva, de um

ruivo claro como a luz do sol, delicada e , sutil como uma teia de aranha e fina como a seda.
O poderoso imperador foi até lá; subiu a montanha e se apresentou à soberana Imperatriz dos Espíritos. Era uma alta e arrogante mulher, que usava um vestido tecido com malhas de ar e entremeado com raios de sol.
O Imperador expôs o motivo de sua visita. Ela o escutou amigavelmente e, muito concedeu finalmente a mão de sua filha delicada e ruiva.
Celebraram-se as bodas com grande pompa sendo para elas convidados todos os homens e todos os espíritos, e duraram os festejos dois meses e dois dias. Transcorrido este tempo, o feliz Imperador regressou ao seu Império em companhia de sua jovem esposa.
Logo nasceram dois filhos, e a soberana Imperatriz dos Espíritos foi escolhida para madrinha dos dois príncipes. Ela desceu de sua alta mansão numa carruagem de nuvens puxada por seis leões o cocheiro, os criados e o séquito, não podiam ser vistos porque eram todos espíritos e, portanto, invisíveis aos olhos humanos.
Arrogante, a Imperatriz subiu a ampla escadaria de mármore do palácio do Imperador do Ocidente; e por onde passava era precedida de um reflexo vermelho-rosado: eram os espíritos que iluminavam o caminho. Onde ela parava, estendia-se uma nuvem de prata, que os espíritos servidores mantinham embaixo de seus pés.
Chegando ao lugar onde estava o berço, dormiam as duas crianças, ela ergueu as mãos com ar majestoso e disse:

- Tu, menino ruivo, te chamarás Raio de Luz; e tu, menino moreno, te chamarás Raio de Fogo. Quando fordes maiores e fortes, ireis ao meu palácio de nuvens, sempre que precisardes de mim. Darei a cada um três dos meus espíritos, para que vos acompanhem em vossa peregrinação pela terra. Três para cada um - repetiu - e vós mesmos podeis escolhê-los. O que os mandardes fazer, eles executarão no mesmo instante; porém vossa felicidade depende de mandardes coisas boas ou más. Adeus, queridas crianças; pensai em vossa avozinha, que vive lá no alto da montanha.

Tendo dito isto, subiu para a carruagem, os leões se movimentaram, e em seguida a atmosfera se cobriu de nuvens.

A medida que as crianças cresciam, já se podia ver que Raio de Luz tinha um coração suave como a cera, e Raio de Fogo o tinha duro como o aço.

O Príncipe ruivo era compassivo, de sentimentos afetuosos, não só com os homens, mas também com os animais e as flores dos jardins e dos campos, e até que as coisas que parecem inanimadas, mas possuem uma alma secreta, desconhecida dos mortais. Ele ficava pesaroso quando via uma lenha partida, uma pedra feita em pedaços lhe fazia brotarem lágrimas nos olhos.

Raio de Fogo era exatamente o contrário: não se comovia com as lágrimas nem se enternecia com lamentos, e esmagava, sem respeito nenhum, com os pés, os mais belos lírios.

Um dia, o Príncipe Raio de Luz estava observando um formigueiro: os diligentes animais, em sua labuto, lutavam para carregar um pedaço de

madeira que desejavam poder utilizar em seu palácio.
O Príncipe teve pena dos bichinhos, condenados a tão dura tarefa, e, não podendo suportar aquela idéia, foi observar um favo de mel. Ali não era menor o esforço. As abelhas arrastavam de todas as partes o pólen das flores, separavam a pegajosa cera do mel e formavam com ela pequenos muros e pavimentos; assim surgia uma série de compartimentos, que depois os laboriosos insetos enchiam com doce néctar.
- Pobres animaizinhos! - murmurou o Príncipe, enquanto seus olhos se umedeciam. - Com que trabalho, dia e noite, obtendes vosso parco alimento, e ainda o deixais sobrar para prazer do homem! - E se afastou enternecido.
Então foi para um campo: nele trabalhavam com grande diligência e solicitude um lavrador e sua esposa: o homem guiava o arado, a mulher cavava e limpava.
- Por que trabalhais tanto? - perguntou Raio de Luz com voz trêmula.
- Pensais por acaso, Príncipe, - respondeu o homem - que o trigo cresce sozinho?
E a mulher acrescentou:
- Sim, temos de trabalhar; não há outro remédio, se quisermos mastigar alguma coisa...
O príncipe desatou a chorar, e foi ao palácio pedir uma licença a seus pais. Eles a deram de bom grado, e lá se foi o Príncipe, na direção da alta montanha onde vivia sua avó, a Imperatriz dos Espíritos, para pedir a ela um alívio para os duros trabalhos a que estava submetida a humanidade.

A Imperatriz lhe deu o espírito do trabalho para que obedecesse às suas ordens, e tudo o que o Príncipe mandasse, ele executasse com suas forças mágicas.
Na terra houve com isto um grande júbilo, porque ninguém mais era obrigado a mover os pés nem as mãos. Quem precisasse fazer um trabalho, recorria ao Príncipe Raio de Luz e ele mandava-lhe imediatamente o espírito do trabalho, e estava tudo resolvido.
Isto fez com que homens e animais, a uma só voz, elogiassem o bom filho do Rei e o abençoassem continuamente.
Mas seu irmão ficou com muita inveja, e, querendo imitar o outro, pediu licença para se ausentar e se apresentou diante da avó, a Rainha dos Espíritos, dizendo:
- Eu também quero ter o meu espírito do trabalho.
- Sinto muito, - respondeu a Rainha - mas não posso contentar-te; ele já está ocupado. Não obstante, te darei o irmão dele, que é o espírito da espada. Este executa seu serviço com sangue e com lágrimas. Procura não recorrer a ele com muita freqüência, e só o faças contra os teus inimigos.
Dizendo isto o despediu, e Raio de Fogo desceu da montanha acompanhado do temível espírito.
Enquanto isto, Raio de Luz se regozijava ao ver que os habitantes do Império de seu pai passavam tão bem: passeavam o dia inteiro, dormiam tranqüilamente toda a noite, e não tinham sofrimento algum.
Um dia, porém, ele viu na rua dois homens que, apesar de estarem muito bem vestidos, deixavam

transparecer tristeza em seus semblantes.
- Por que estais tristes? - perguntou-lhes. - Não vêdes que não sois mais obrigados a trabalhar?. . .
- Ah, bondoso Príncipe! - responderam. - E verdade que o trabalho não nos tortura mais, porém, não podemos estar alegres. Morreu um filho nosso muito querido, e estamos aflitíssimos. Isto não tem remédio.. .
Então o Príncipe compreendeu que os homens ainda não eram de todo felizes, e que ainda lhes restava um sofrimento, que ele ainda não conhecia, até aquele dia. Pediu de novo licença, partiu velozmente para o palácio da Rainha dos Espíritos, e lhe apresentou seu pedido. Ela sorriu bondosamente e lhe deu um espírito capaz de acabar com todos os pesares, todas as aflições e todas as mágoas: o espírito da música.
De volta, com o espírito, o Príncipe mandou que ele consolasse os tristes e animasse os desencorajados.
Soaram logo em seguida violinos e címbalos, suaves flautas e joviais clarinetes. E os homens se alegraram e se regozijaram. Desapareceram todos os seus sofrimentos; eles riam, dançavam e sentiam que a soberana música lhes enchia as almas de alegria e prazer.
Agora amavam ainda mais o bondoso Príncipe e lhe beijavam as mãos e os pés: adoravam-no como um ser superior. E não só as pessoas: também os animais, e até as plantas. Os animais iam ao seu encontro prazenteiros e o enchiam de carícias, lambendo-lhe as mãos e os pés, e as flores inclinavam suas cabeças quando ele passava.

Mas Raio de Fogo se consumia de inveja; chegava a empalidecer, de tanta raiva, e o mais depressa que pôde, se dirigiu à Rainha dos Espíritos.
- Eu também quero o espírito da música - disse, sem nem se aproximar para saudar a Rainha.
- Já está com teu irmão - respondeu-lhe friamente a real senhora -; mas existe outro espírito, parente dele, e que combina muito bem com o espírito da guerra que te cedi da primeira vez. E o espírito do retumbante trovão, do assustador terremoto e das ruidosas avalanches, chamado espírito da natureza. Podes servir-te dele quando precisares, mas, para teu bem, desejo que sejam poucas essas vezes.
E Raio de Fogo desceu com olhos cintilantes, acompanhado de seu espírito.
- O terceiro espírito, - disse em tom de homem ofendido - vou escolher antes que meu irmão o faça.
No metade da descida encontrou uma rocha no qual, de longe, observou uma abertura, de onde saía um reflexo tão brilhante, tão vivo, que chegava a ofuscar.
Ele correu rapidamente para aquela abertura, porém esta desapareceu de repente. Em seu lugar ficou uma pedra rústica e áspera, cheia de musgo. O Príncipe se deteve e espiou; ouviu dentro um ruído como se arranhassem alguma coisa e fizessem movimento para cá e para lá.
- Oba! - exclamou, em tom de agradável surpresa. - Aqui deve estar o tesouro dos anões; e vai ser nosso! Esses anões avarentos me fecharam a porta, mas eu os farei abrir!
Dizendo isto, golpeou a pedra com sua espada:

- Abram, mesquinhos anões; senão, vão pagar caro!
Ninguém respondeu; não se ouviu o menor ruído, dentro nem fora. Ele tentou partir a pedra; mas os habilidosos anões a tinham amarrado e prendido tão fortemente, que não havia força humana capaz de levantá-la nem de rompê-la.
- Ouçam! Vou-lhes dar o que fazer, seus danados! - gritou ele, insolente, e voltou voando ao palácio dos espíritos.
- Rainha minha avó, - disse - dá-me um espírito que seja capaz de abrir qualquer coisa: rochas, penhascos, montes, portas, e toda sorte de fechaduras. Será que o meu aborrecido irmão já te pediu isto também?
- Teu irmão não me pediu nada - respondeu secamente a Rainha. - Se o queres, leva-o: é o espírito das chaves; mas utiliza-o para teu bem...
- Ora, isto é comigo - respondeu ele, sorrindo -; farei muito bom uso dos serviços dele!
Saiu dali apressadamente, e num abrir e fechar de olhos chegou à rocha.
- Abre isto! - ordenou ele ao espírito. No mesmo instante saltou a rocha, e a cova se abriu diante dos olhos do Príncipe. No interior, não havia nenhum reflexo brilhante.
Os anões, vendo-se em perigo, tinham abandonado a cova, levando consigo seus tesouros e alojando-se em outro esconderijo, que Raio de Fogo não conhecia.
Vermelho de tanta raiva, e desprendendo chispas, ele partiu com seus espíritos para o palácio de seu pai.
Durante este tempo, com Raio de Luz aconteceu

outra coisa notável.
Ele viu uma jovem sentada num poço, chorando desconsoladamente. O Príncipe estranhou muito aquilo, pois pensava que já não existisse um ser humano que não fosse feliz.
- Por que choras, filha? - perguntou-lhe amavelmente.
A jovem não respondeu, e ainda soluçou mais profundamente.
- Será que não ouves os címbalos, as flautas, toda essa música? - insistiu o Príncipe, e levantou-lhe delicadamente o rosto.
- Ouço, sim.
- E mesmo assim ainda choras? Ouça: diga-me o motivo de tuas lágrimas, porque certamente poderei ajudar-te.
- O meu Pedro não me quer, e apesar disto eu gosto dele - respondeu por fim, com uma voz que afogou a torrente de lágrimas e suspiros.
O compassivo Príncipe ficou extremamente impressionado.
- Ele não a quer, e apesar disto ela gosta dele. . . - murmurou. - Haverá ajuda possível?
Pensativo e absorto, ele se dirigiu à Rainha dos Espíritos e lhe disse:
- Querida avó; ele não a quer, e no entanto ela gosta dele. E está tão triste, que nem a música a consola.
A Rainha sorriu amavelmente e mandou chamar um minúsculo espírito, que apareceu no mesmo instante.
- Teu irmão - disse a Rainha - levou com ele o espírito das chaves; mas eu reservei para ti este

amável espírito menino, que aqui vês: é o espírito do coração. Abre o coração dos homens e pode introduzir nele todos os bons pensamentos que uma pessoa tenha e todos os sentimentos puros que alguém guarde em sua alma.
Contente e satisfeito, o Príncipe beijou a Rainha na ponto dos dedos e, descendo a montanha, se dirigiu para a jovem e acompanhou-a à casa do rapaz.
Chegando ali, o Príncipe mandou que o espírito abrisse o coração de Pedro, e a jovem meteu dentro dele todos os sentimentos de amor que dedicava a ele.
O rapaz se lançou ao seu pescoço e choraram ambos, mas desta vez eram lágrimas de regozijo e felicidade.
Um dia o Imperador caiu doente, e pressentindo que se aproximava o seu fim, mandou chamar os dois filhos e lhes disse, com voz muito fraca:
- Meus filhos: minha existência está no fim, e torno herdeiro do meu reino aquele dos dois que mais o tenha merecido. Com minha morte, a soberana do Império do Oriente tentará apoderar-se deste reino; ela abriu nos muros da fronteira umas portas, pelas quais seu exército vai atacar o meu. Ela é jovem e bela, porém selvagem e indomável. Aquele de vós que conseguir dominá-la e depois fizer dela sua esposa, terá seu reino, e assim reunirá em paz e satisfação todos os povos da terra sob o seu cetro, e será o soberano dos dois impérios. Esta é a minha vontade. Fazei, pois, com que a sorte e a vossa habilidade decidam. Prometei que vos submetereis a esta decisão, e que jamais surgirá entre ambos a discórdia.

- O que levantar sua mão contra o outro, que se perca para sempre!
Os dois príncipes fizeram um terrível juramento, e pouco depois morreu o pai, o Rei.
Aconteceu tal como ele havia previsto. Vigilda, a soberana do Império do Oriente, penetrou com milhares de guerreiros pelas aberturas praticadas no muro que dividia os dois impérios, e quis submeter o do Ocidente à sua soberania: seus soldados incediaram as cidades, devastaram os campos e mataram os habitantes do país.
Então Raio de Fogo pediu socorro ao seu espírito da guerra, que, com um sopro, transformou em soldados todas as árvores dos bosques, e as armou com lanças e escudos; enfrentaram os inimigos e os derrotaram completamente.
A Rainha com seu exército retrocedia, pelas portas que havia mandado praticar na muralha, até a capital do seu país. O Império do Ocidente se tornou novamente livre.
Quando Raio de Fogo chegou com seu exército à muralha divisória, quis ocupar o país da Rainha, sua inimiga; mas não foi possível escalar a muralha, por causa da sua enorme altura. Então ele ordenou ao espírito da natureza que destruísse o país inimigo.
Assim foi feito: as casas das cidades e aldeias caíram, debaixo dos terremotos, abriu-se em vários lugares a terra, e as avalanches terminaram a obra de destruição.
Então Raio de Fogo se apresentou à Rainha e lhe disse, sarcástico:
- Viste como sou forte? Mas me compadeço de ti, e desejaria reparar estes prejuízos, e casar contigo.

- Sai da minha presença, seu aborrecido! - gritou a Rainha. - Destruíste meu reino e minha felicidade! Prefiro morrer, a ser tua esposa!
Cego de raiva, com aquela repulsa, ele foi para casa, relatou ao seu bondoso irmão o que havia acontecido, e caluniou a jovem Rainha.
Afligiu-se extremamente o compassivo coração do Príncipe Raio de Luz, e ele mandou chamar imediatamente o espírito do trabalho, pedindo-lhe que reconstruísse todo o país vizinho.
O espírito pôs logo mãos à obra. Foi ter com as flores do campo e com seu alento as transformou em pedreiros, serralheiros, carpinteiros, como também em lavradores e servos. Em pouco tempo estavam reconstruídas as casas, os templos e os palácios.
Nos campos sentiram-se também os efeitos do sopro do espírito do trabalho: o trigo cresceu ufano, e nas vinhas pendiam das parreiras preciosos cachos.
O riso pairou pela primeira vez nos lábios da Rainha Vigilda, e ela foi ao lugar onde estava o Príncipe Raio de Luz, para lhe agradecer tanta bondade. Vendo-o, com seus cabelos ruivos e seus olhos de expressão afetuosa, sentiu grande simpatia por ele. Ele também sentiu amor em seu peito pela formosa e selvagem Rainha. Quando a olhou suplicante e lhe pediu, com os olhos, a mão, ela respondeu:
- Agradeço, príncipe, de todo o coração tua bondade; porém não posso dar minha mão, nem poderei jamais dá-la a um inimigo.
O Príncipe ficou tão desgostoso que caiu sem sentidos; mas Raio de Fogo riu às gargalhadas

quando viu que o irmão havia sido repelido também.
Raio de Luz, quando voltou a si, chamou o espírito do coração.
Este apareceu, e os dois foram em segredo aos aposentos da Rainha. O pequeno espírito abriu, com sua chave, o coração da soberana, e o Príncipe nele pôs toda a sua delicadeza, o seu amor, até enchê-lo. Já naquele momento viu que se esboçava um sorriso de satisfação no semblante dela, que dormia. Contente e satisfeito, se retirou para o seu quarto.
As bodas não tardaram a ser celebradas, e foram convidados todos os súditos do reino. Derrubaram a muralha que separava os dois países, e o príncipe Raio de Luz subiu, como soberano, ao trono de seu pai e ao mesmo tempo ao da Rainha. Assim, se tornou Imperador do Oriente e do Ocidente, e com isso de toda a terra.
Todos os homens se alegraram por terem um soberano tão bom. Só quem torcia o nariz era o príncipe Raio de Fogo. Ele se afastou do irmão e da linda esposa deste, e jurou a si mesmo vingar-se; mas não se atrevia a fazer nada contra eles, por causa da palavra que havia dado ao pai, na hora da morte.
Apesar disto, sua inveja e seus ciúmes não o deixavam viver, pelo que saiu pelo mundo, com tristeza, pensando sempre como poderia desonrar o irmão e a mulher deste para ele governar.
Quando chegou ao último limite do mundo, encontrou subitamente uma enorme parede de nuvens à sua frente, que ia da terra até o céu. Do

outro lado estava o mundo dos monstros temíveis. "Quem sabe se eles podem ajudar-me?", pensou o príncipe, raivoso, e chamou o espírito das chaves. Abriu a parede, as nuvens se afastaram, e ele entrou, mas viu ali sêres tão assustadores, que começou a tremer dos pés à cabeça; mas o desejo de prejudicar seu irmão fez com que reagisse, e concentrando suas forças, interrogou-os:

- Por que viveis nesta região sem vegetação, neste país desagradável? Do outro lado desta espessa nuvem existe um país excelente, cheio de coisas preciosas. Se o atacardes e matardes o Imperador e a Imperatriz, tudo será vosso, e podereis impunemente devorar bois, cavalos, carneiros, e tudo quanto quiserdes!

Rindo-se consigo mesmo, acrescentou:

- Lá tereis também a delicada e saborosa carne humana para vos saciardes. Ouvi: eu abrirei esta parede de nuvens, e vos mostrarei a entrada do país da terra.

Com efeito, todos aqueles fabulosos monstros, gritando com insolência, irromperam no reino de Raio de Luz. A vista deles fugiam espavoridos homens e animais, e cheios de angústia e horror acudiram todos ao trono imperial:

- Senhor, protegei-nos; defendei-nos, nosso soberano, - clamavam - senão pereceremos todos!

O Imperador já tinha visto de longe a enorme nuvem de poeira que o redemoinho dos monstros levantava. Desceu então do trono, e seu semblante sereno refletia esperança e segurança. Os monstros quiseram lançar-se sobre ele, mas com grande calma ele fez um gesto com a mão, e de repente se

ouviu uma música maravilhosa: as flautas faziam soar notas celestiais; dos violinos saíam ora acentos de soluços e prantos amarguradas, ora tons de imenso júbilo; os címbalos entoavam cânticos de regozijo; os clarinetes, melodias claras e nítidas. Em poucos momentos, todo o mundo sentiu-se enfeitiçado pela beleza do som.
Os homens esqueceram a sua, inquietação, seus corações se apaziguaram; as flores erguiam suas corolas e os pássaros saltavam de um ramo para outro, jubilosos, diante daquela torrente de sons agradáveis. Abriu-se o céu e os anjos contemplavam a terra assombrados e cheios de espanto. Os temíveis animais se mantiveram quietos, e escutavam atentos, e quanto mais escutavam, mais diminuía a fúria deles, a raiva e a coragem; alguns, até, os mais ferozes e bravios, começaram a dançar, de modo que aquilo se transformou, de violenta agressão, em inocente orgia.
Quando se sentiram todos satisfeitos, todos os animais fabulosos e os monstros, não vendo nada do que lhes haviam prometido, voltaram para seu país, fechou-se a parede de nuvens, e cessou a algazarra.
Raio de Fogo, vendo o seu projeto fracassado, concebeu outro mais diabólico ainda, tremendamente diabólico.
Vagando sem parar pelo mundo, chegou a um lugar onde não podia penetrar por causa de uma alta porta de granito. Era a entrada que ia dar no inferno. Sem perder um instante, ele mandou que o espírito das chaves lhe desse caminho; atravessou

um largo pátio, onde havia milhares de tachos cheios de piche e enxofre fervendo, e depois entrou numa espaçosa sala.
Foi invadido por uma forte onda de calor: Tudo era fogo, tudo ardia. Demônios negros, com pés de cabrito e chifres na testa, atiçavam o fogo sem cessar, com gigantescas pás. Os condenados estavam metidos em caldeiras e o suor lhes corria por todos os poros do corpo. Alguns faziam seu almoço, que consistia em pedaços de ferro e pão de pedra, e como bebida tinham um fortíssimo vinagre e sucos venenosos, que lhes eram dados à força por uns minúsculos diabinhos, representando isto um dos seus tormentos.
Atrevido, o príncipe caminhava pelo meio daquela multidão de vítimas e carrascos, até chegar aonde se achava sua alteza o Príncipe dos Demônios, e com sua idéia fixa lhe disse:
- Ajudai-me, grande senhor, contra meu infame irmão, que acaba de roubar-me o trono e a minha mulher!
O Príncipe dos Demônios riu sarcástico:
- Eu te ajudarei, - disse - mas em troca de quê?
Raio de Fogo, desconcertado, não encontrou resposta para dar.
Disse então o chefe dos diabos:
- Olha: aqui tens este pequeno punhal, que trabalha sozinho e não precisa de mão humana para guiá-lo; fere mortalmente qualquer coração, bastando dizer, conservando-o na mão:
Oh, diabólico punhal! Atinge o coração humano, com um ferimento mortal."
- Com ele podes dar a morte a teu irmão e à

Imperatriz. Se o conseguires, serás Imperador; mas se fracassares em teu empreendimento, estarás perdido para sempre. Se pagares este preço, o punhal é teu.
- Concordo, - respondeu o Príncipe - dai-me o punhal.
Os olhos do demônio cintilaram. Ele riu de novo, com malícia e ironia, e disse:
- Pois bem: aqui está o punhal. Usa-o, Príncipe Raio de Fogo; executa tua obra; desejo-te todo o mal do inferno, para isso.
O Príncipe fez uma reverência e se afastou. De volta á terra, quis comprovar imediatamente a eficácia do punhal. A primeira pessoa que encontrou foi um ancião, que estava sentado à porta de casa, fumando seu cachimbo.
O Príncipe murmurou:
Oh, diabólico punhal! Atinge o coração humano, com um ferimento mortal."
O ancião caiu morto no chão. Satisfeito, ficou o Príncipe, com a fidelidade da arma, e contente ao pensar que lhe serviria para matar seu irmão.
Apertou o passo, a caminho do palácio, e durante o trajeto experimentou outras vezes o punhal em alguns homens, mulheres e até crianças. Encheu a rua de cadáveres.
Quando o infame Príncipe chegou à porta do palácio, já era noite fechada. Abriu todas as portas, por meio do espírito das chaves, até encontrar por fim os aposentos reais. Ali estavam Raio de Luz e sua bela esposa, dormindo profundamente: uma luz de amor e de paz se difundia em seus semblantes, como um véu de tule. Raio de Fogo, vendo tão

serenos aqueles a quem ele odiava do fundo do coração, sentiu uma grande raiva apoderar-se dele. Saltaram-lhe chispas dos olhos, e sua boca espumou. Nem pôde esperar até pronunciar a fórmula diabólica: lançou-se de punhal em riste sobre os que dormiam; mas, quando ia fincar a arma, sentiu alguma coisa paralisar-lhe a mão. O punhal resvalou e caiu ao chão. A mão do criminoso ficou encolhida e acinzentada; ressequida, conforme a maldição de seu pai. Ele, alucinado, compreendeu que o seu perverso intento havia sido frustrado.
Raio de Luz e sua esposa despertaram, e vendo ali perto o assassino, se horrorizaram. O bondoso Raio de Luz imediatamente quis perdoar. Mas de repente a janela se abriu e se ouviu uma gargalhada sarcástica: uma labareda arrebatou, diante dos olhos assustados do casal imperial, do Príncipe Raio de Fogo, e o levou diretamente ao inferno. Lá ele ainda está sendo consumido, alimentando-se de pedaços de ferro e pão de pedra, e preparando como bebida vinagre e sucos venenosos.
Raio de Luz e sua esposa, a Imperatriz Vigilda, viveram longos anos, governando em paz e tranqüilidade seus felizes súditos.

FIM